

Fotos: Reprodução/Freepik

De olho nos sinais

De maneira geral, as manifestações de sofrimento demonstradas pelos pets podem ser classificadas como físicas ou comportamentais. De acordo com o médico veterinário, especialista em oftalmologia, Márcio Falcão, esses sinais são variados. Alguns indicativos corporais de dor incluem:

- Claudicação (mancar) ou deixar de apoiar uma pata
- Inchaços ou vermelhidões
- Feridas ou erupções cutâneas
- Secreções ou vermelhidão dos olhos
- Dificuldade visual e auditiva
- Secreções nasais, tosses ou espirros constantes
- Vômitos ou diarreia
- Perda de peso

Além disso, Dafne Kleftakis destaca que alterações nos parâmetros fisiológicos, como aumento da frequência cardíaca, da pressão arterial e da frequência respiratória ou respiração ofegante, mesmo em repouso, são alertas importantes. “Olhos semicerrados e orelhas achatadas também são indícios físicos de mal-estar”, completa.

Quanto aos sinais comportamentais, podemos citar:

- Letargia ou perda de interesse em atividades
- Diminuição ou perda do apetite
- Agressividade ou medo fora do comum
- Isolamento, evitando interações com tutores e outros animais
- Aversão ao contato físico e à sensibilidade ao toque
- Postura corporal anormal
- Lamedura ou mordidas excessivas de uma área específica do corpo
- Vocalização excessiva e anormal, como gemidos ou choramingos
- Mudanças no padrão de sono

O que fazer

Mesmo conhecendo os sinais citados acima, é importante ressaltar que eles podem ser confundidos com dor, mas, na verdade, serem comportamentos anormais ou indicativos de outros problemas, como explica Márcio Falcão. “Algumas situações e mudanças de ambientes podem desencadear também nos pets um sinal de estresse ou ansiedade, não necessariamente dor”, pontua. “Apenas um veterinário pode determinar se os sinais apresentados são, de fato, indicativos de dor, ou se há outras causas subjacentes que precisam ser tratadas”, completa Dafne.

A mudança repentina e persistente nos hábitos de sono pode ser um sinal de que seu pet está lidando com algum tipo de dor ou doença



Se o seu pet apresentar qualquer uma das manifestações listadas, especialmente se forem persistentes, é importante agendar uma consulta veterinária o mais rápido possível. “O cuidado precoce pode fazer uma grande diferença na recuperação e na qualidade de vida do seu animalzinho”, garante Dafne. Assim, a especialista recomenda que se faça anotações dos sintomas observados, incluindo duração e frequência de cada um. “Leve com você o registro das observações feitas para que o veterinário tenha uma visão clara dos sinais, pois isso ajudará a fornecer um diagnóstico mais preciso”, continua a médica.

Por fim, deve-se seguir corretamente as instruções sobre o tratamento, que pode incluir medicações, mudanças na dieta, terapias ou procedimentos cirúrgicos, caso necessário. Foi esse o procedimento de Rayanne Ribeiro, 27, tutora do Cheetos, shih-tzu de sete anos. A servidora pública conta que descobriu uma hérnia de disco no cãozinho após identificar mudanças comportamentais no animal.

“Na época, percebi que o Cheetos estava mais quieto e triste do que o comportamento

habitual dele, evitando brincadeiras e festinhas, e até diminuiu o apetite”, lembra ela. Após dois dias, a tutora resolveu levar o pet para uma avaliação com o veterinário de confiança. “Eu já o conhecia desde os quatro meses. Ele sempre foi um paciente ativo e brincalhão, mas, nesse dia, mal se mexia. Logo vi que havia algo errado”, relata o veterinário Marcos Falcão. Depois da realização do exame de imagem, o problema de coluna foi descoberto.

O tratamento indicado para o Cheetos consistia em medicamentos anestésicos, anti-inflamatórios, corticoides e sessões de fisioterapia. Segundo Rayanne, a identificação precoce dos sinais de dor transmitidos pelo pet foi crucial para que o problema não se agravasse. “Se demorasse mais, a lesão da coluna poderia ter se estendido, prejudicando ainda mais a mobilidade e até mesmo a alimentação e a eliminação fisiológica de fezes e urina, já que a dor forte estava fazendo ele poupar os movimentos”, conclui.

Estagiária sob a supervisão de Sibeles Negromonte